

prefácio de Rupi Kaur

# O PROFETA



# KHALIL GIBRAN

O clássico que já encantou mais de  
10 milhões de leitores no mundo



*Tradução*  
Ana Guadalupe

Copyright do prefácio © Rupi Kaur, 2019  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The prophet*

*Preparação:* Thais Rimkus  
*Revisão:* Fernanda Cosenza e Elisa Martins  
*Diagramação:* Marcela Badolatto  
*Imagem the capa:* The hand of God, Khalil Gibran  
*Capa:* adaptada do projeto original de Paul Buckley  
*Adaptação para eBook:* Hondana

As doze ilustrações desta edição estão sendo reproduzidas a partir dos desenhos originais do autor e duas delas são representadas por Gibran National Committee.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Gibran, Khalil, 1883-1931

O profeta / Khalil Gibran; tradução de Ana Guadalupe. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

144 p.

ISBN: 978-85-422-1603-5

Título original: *The prophet*

1. Ficção libanesa I. Título II. Guadalupe, Ana

19-0382

CDD L892.73

2019  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4<sup>o</sup> andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

# *Sumário*

PREFÁCIO DE RUPI KAUR

A CHEGADA DO NAVIO

SOBRE O AMOR

SOBRE O CASAMENTO

SOBRE OS FILHOS

SOBRE A DOAÇÃO

SOBRE A COMIDA E A BEBIDA

SOBRE O TRABALHO

SOBRE A ALEGRIA E A TRISTEZA

SOBRE A CASA

SOBRE AS ROUPAS

SOBRE A COMPRA E A VENDA

SOBRE O CRIME E O CASTIGO

SOBRE AS LEIS

SOBRE A LIBERDADE

SOBRE A RAZÃO E A PAIXÃO

SOBRE A DOR

SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

SOBRE O ENSINO

SOBRE A AMIZADE

SOBRE O ATO DE FALAR

SOBRE O TEMPO

SOBRE O BEM E O MAL

SOBRE A ORAÇÃO

SOBRE O PRAZER

SOBRE A BELEZA

SOBRE A RELIGIÃO

SOBRE A MORTE

A DESPEDIDA

POSFÁCIO DE PAULO DANIEL FARAH

## *Prefácio*

“Passaram num piscar de olhos”, diz meu pai sobre os últimos cinquenta anos de sua vida.

Fecho os olhos e o imagino com quinze anos. Está no vilarejo em que sua família mora, na zona rural de Punjab, e corre por aquelas vielas estreitas que parecem serpentes. De vez em quando corre atrás dos amigos. Às vezes foge da surra de um primo ou do irmão mais velho. Outras vezes quer chegar mais rápido ao campo para entregar comida quente ao pai e ao avô. E um dia ele precisa correr para salvar a própria vida.

Ele corre sem parar por um tempo que parece uma eternidade. As vielas que serpenteiam por lá e que antes eram seu lar não o querem mais. Depois de meses, ele finalmente foge das garras de sua nação. Ele chega a um novo país, que concordou em lhe conceder status de refugiado. Eu me pergunto o que ele planejava fazer da vida antes de ver tudo mudar com o cenário político.

Eu me pergunto o que aquele homem tão jovem pensaria do homem exausto em que se transformou.

Mas não faço essas perguntas a meu pai. Receio que as respostas me machuquem. Então, eu as procuro nas histórias que ele nos conta desde que éramos crianças, quando nos

reunia na minúscula sala do apartamento em que vivíamos, no subsolo do prédio. Naquelas noites, éramos testemunhas da trilha sonora de sua vida, tão caótica. Eram os únicos momentos em que víamos aquele homem severo e rígido demonstrar algum indício de vulnerabilidade. Ele cantava *shabads*, os hinos sagrados dos Sikhs, poesia sufista e suas músicas devocionais favoritas, os *qawwalis*. Meu pai adorava os rebeldes da espiritualidade e os revolucionários da história. Naturalmente, Farid, Nanak e Nusrat tinham lugar garantido na sala de nossa família. Ele falava de cartas de amor que nunca imaginávamos que fosse capaz de escrever para nossa mãe. Oferecia longos monólogos sobre revoluções que roubaram seus melhores anos e governos que roubaram seus melhores amigos. E, nos momentos em que as próprias palavras não eram capazes de expressar o peso do que suportara, meu pai permitia que *O profeta*, de Khalil Gibran, falasse em seu lugar.

Eu jamais imaginaria que os contos compartilhados por meu pai naquelas noites um dia influenciariam minha escrita. Naquela época, eu ainda não sonhava com a possibilidade de me tornar poeta. Na verdade, eu rezava para que ele parasse de falar de Gibran e eu pudesse voltar a ver TV. Uma atividade mais adequada para a Rupi de sete anos.

Anos se passaram, e eu não dei importância a *O profeta*. Mas, quando é para ser, o Universo conspira a favor. O livro deu um jeito de chegar a mim. Fazia um dia quente de verão, e eu estava na biblioteca pública com minhas irmãs. Elas

tinham ido olhar as fitas de vídeo, e eu decidi dar uma chance aos audiolivros. No caminho até a seção, passei por várias mesas e cadeiras destinadas ao público que lia e estudava na biblioteca. Meus olhos recaíram sobre um objeto que estava em uma das mesas. Era um livro – aberto e virado de cabeça para baixo, sem ninguém por perto. Como se o leitor tivesse parado no meio e saído de repente. O livro parecia solitário, o que de certa forma me atraiu. Tive uma sensação de familiaridade, ainda que não houvesse nenhum traço familiar. Continuei lendo a partir do ponto em que o leitor anterior tinha parado.

*Sua alegria é sua tristeza sem máscara.*

*Alguns de vocês dizem: “A alegria é maior que a tristeza”. Outros dizem: “Não, a tristeza é maior”.*

*Mas eu lhes digo que são inseparáveis.*

*Sempre vêm juntas, e quando uma está a sós com vocês à mesa, não se esqueçam de que a outra Adormece em sua cama.*

Essas foram palavras fundamentais em minha vida. Eu me lembro de sentir alguma coisa mudar em mim enquanto lia. Naquele dia, na biblioteca, *O profeta* se tornou meu confidente e meu conselheiro. Porque o livro não dizia que a vida é fácil. O livro admitia que a vida é difícil. Mas o Universo nos oferece as ferramentas para superar todas as dificuldades. E meu pai tinha bom gosto, afinal. Desde aquele dia, li *O profeta* tantas vezes que perdi as contas.

Comprei e dei de presente dezenas de exemplares. Quando viajo, obrigatoriamente levo uma cópia na mala.

Estou tentando dizer o seguinte: este livro abriu meu coração. E acho que vai fazer o mesmo com o seu.



Não existe fórmula para escrever uma obra capaz de chegar às mãos de dez milhões de leitores. Pensei bem e me perguntei por que *O profeta* veio pelas mãos de Khalil. Acredito que a vastidão de suas vivências o tenha levado a escrever este livro. Ele era cristão maronita e nasceu no Líbano, mas chegou aos Estados Unidos como imigrante, com dez anos de idade. Era um artista de múltiplas facetas. Desenhava, pintava, envolveu-se a fundo com o ativismo e lutou pela reforma política no Líbano. Circulava por mundos distintos, sempre aprendendo e nunca se acomodando. Talvez essas experiências tenham construído a visão de mundo necessária para a criação de uma obra capaz de dialogar com pessoas de todos os lugares.

Uma amiga minha sempre brinca que este livro é uma espécie de bíblia das minorias do século XX: insistiu em levar esperança a um mundo cínico que ainda se recuperava da destruição da Primeira Guerra Mundial, depois moldou o romantismo na escassez que marcou o período pós-guerra e, mais tarde, tornou-se a inspiração dos sonhadores dos anos 1960. Década após década, *O profeta* se reinventa e se transforma de acordo com a necessidade de seus leitores.

Você deve se perguntar qual é o segredo. Como este livro pode se manter atual e relevante depois de quase cem anos? Por que o li dezenas de vezes? Porque não parece que estou lendo. Parece que ouço minhas canções preferidas. Os versos fluem como música. Gibran entrelaça misticismo e espiritualidade em cada linha. Consigo sentir os ritmos sufi, as inflexões cristãs e o folclore árabe se misturando como amigos que não se viam havia muito tempo. Ele é o maestro, e as palavras são sua orquestra, e ele faz com que as palavras saiam dançando da página e pousem leves no colo do leitor.

Por ser imigrante do sul da Ásia e por usar minha segunda língua para escrever poesia, muitas vezes penso nos diferentes mundos que eu mesma ocupo. Não só nos temas sobre os quais escrevo, mas também na *forma* como escrevo. Gibran foi alvo de olhares curiosos por esse mesmo motivo. Acho fascinante que seu estilo nunca tenha se adaptado a um só espaço ou período. Ele não era totalmente americano por causa de suas raízes libanesas e não era totalmente libanês porque passou a maior parte da vida nos Estados Unidos. Quando leio Gibran, percebo em seu ritmo o que há de Rumi da mesma forma que percebo o que há do transcendentalismo de sua vida na Nova Inglaterra. Sua poesia é muito diferente dos estilos tradicionais que dominaram tanto a literatura árabe quanto a literatura ocidental. Gibran foi uma ponte entre esses dois mundos, graças a seu trabalho atemporal e universal.

O *profeta* permitiu que eu alcançasse partes até então inexploradas de minha alma e de minhas experiências para transformá-las em arte. O *profeta* e o homem que o criou libertaram a poeta que havia em mim. E quando essa poeta se tornou livre, ela teve coragem de voltar às conversas que tinha com o pai depois do jantar e começou a explorar a beleza e a dor dos sentimentos dele.

Hoje, continuo escrevendo enquanto ouço as músicas tradicionais punjabi com as quais cresci. Os *shabads* que eu cantava. Minhas letras sufi preferidas e meus *qawwalis*. Mergulhar em minha ascendência e criar a ponte entre meus dois mundos não só muda o tom do que escrevo e de como escrevo. Também faz com que eu me sinta em casa. Sou apenas uma entre incontáveis escritores que sentem a mesma coisa.

Desde a época em que vivemos naquela sala minúscula do apartamento no subsolo, o sr. Gibran deixou de ser alguém que eu apenas aturava e se tornou meu mentor e aliado.

Este livro não é recomendado só para quem ama poesia. É para qualquer pessoa que se pergunte qual é o sentido disso que chamamos de “vida”. Se você está em busca de algo que guie seus passos pelos momentos mais dolorosos, mas ofereça firmeza nos momentos de maior alegria, a resposta está em suas mãos neste exato momento. Os poemas destas páginas também se tornarão sua cura e seu conselheiro. E, ao longo de seu crescimento, estas palavras crescerão. Enquanto você evolui, *O profeta* evoluirá – e se tornará o que

você precisar, quando precisar, transformando-se em uma âncora, um colete salva-vidas, um amigo. É um camaleão. É tanto a lagarta quanto a borboleta.

Se você estiver aqui pela primeira vez, eu lhe dou as boas-vindas. Quisera eu reviver este exato momento.

Se já estive diante destes portões em outra ocasião, velho amigo ou velha amiga, é bom ver você de novo.

*Rupi Kaur*

## *A chegada do navio*

Almustafa, o escolhido e adorado, que era o despertar de seu próprio dia, estava havia doze anos na cidade de Orphalese, onde esperava o navio que retornaria e o levaria de volta à ilha em que nascera.

No décimo segundo ano, no sétimo dia de *Ailul*, mês da colheita, ele subiu o monte e olhou além dos muros da cidade em direção ao oceano; nesse momento, avistou o navio entre a névoa.

Então o portão de seu coração se abriu, e sua alegria voou veloz sobre o mar. E ele fechou os olhos e orou nos silêncios de sua alma.



Mas certa tristeza o invadiu enquanto descia o monte, e ele pensou com seu coração:

Como poderei partir em paz, sem sofrimento? Não, não sairei desta cidade com o espírito intacto.

Longos foram os dias de agonia que vivi entre seus muros, e longas foram as noites de solidão; e quem é capaz de dar adeus à agonia e à solidão sem lamentar?

Tantos fragmentos do espírito espalhei por estas ruas, e tantos filhos de meu anseio andam nus por essas

montanhas, não posso deixá-los sem dor e sem mágoa.

Não é de uma veste que me desfaço neste dia, mas, sim, de uma pele que rasgo com minhas próprias mãos.

Tampouco é uma ideia que hoje abandono, mas, sim, um coração amolecido pela fome e pela sede.

Mas já não posso tardar.

O mar que chama todas as coisas a seu ventre agora me chama, e devo embarcar.

Pois permanecer, mesmo que à noite as horas virem brasa, seria me tornar gelo e cristal, ficar imóvel num molde.

De bom grado levaria comigo tudo o que aqui está. Mas como seria capaz?

A voz não pode levar a língua e a boca que lhe deram asas. Sozinha deve seguir até o éter.

Também sozinha e sem ninho deve a águia voar através do sol.

Quando chegou ao sopé do monte, ele mais uma vez se virou em direção ao mar e viu o navio se aproximar do porto; na proa viu os marinheiros, os homens de seu continente.

E sua alma gritou por eles, e ele lhes disse:

Filhos de minha mãe ancestral, homens que andam pelas ondas,

Tantas vezes navegaram enquanto eu sonhava. E agora vêm quando estou desperto, e este é meu sonho mais profundo.

Estou pronto, e minha vontade abre as velas e aguarda o vento.

Só um último suspiro será meu fôlego neste ar quieto, só mais um olhar de amor pelo passado,

E então poderei juntar-me a vocês, marinheiro entre marinheiros.

E você, imenso mar, incansável mãe,

Que é paz e liberdade tanto para o rio quanto para o regato,

Só haverá mais uma curva nesse rio, só mais um sussurro nesse descampado,

E então irei até você, gota infinita num oceano infinito.

E, enquanto caminhava, ele viu ao longe homens e mulheres que abandonavam campos e vinhedos e corriam para os portões da cidade.

E ouviu as vozes chamando seu nome, gritando em cada plantação, anunciando uns aos outros a chegada do navio.

E disse a si mesmo:

Será o dia da separação o mesmo do encontro?

E um dia dirão que meu crepúsculo era, na verdade, minha aurora?

E o que devo oferecer àquele que deixou seu arado no campo e àquele que parou a moagem em seu vinhedo?

Deverá meu coração se tornar uma árvore farta de frutos que eu possa colher e lhes entregar?

E deverão meus desejos fluir como uma fonte para que eu encha seus copos?

Seria eu a harpa nas mãos do Todo-Poderoso ou a flauta para que me atravessasse seu sopro?

Se sou um caçador de silêncios, que tesouro terei encontrado nos silêncios que hoje possa compartilhar convicto?

Se hoje é meu dia de colheita, em que campos terei cultivado as sementes, em que estações esquecidas?

Se é mesmo a hora de levantar minha lanterna, não é minha chama que brilhará dentro dela.

Levantarei minha lanterna sem luz, vazia,

E o guardião da noite trará o óleo e acenderá a chama.



Tais coisas ele disse por meio de palavras. E em seu coração muitas outras permaneceram não ditas. Ele mesmo não era capaz de expressar seu segredo mais profundo.

Quando entrou na cidade, o povo foi a seu encontro, e todos gritavam com uma só voz.

E os anciãos da cidade foram adiante e disseram:

Não se vá, ainda não.

Você foi a luz do dia em nossa penumbra, e sua força nos deu sonhos a sonhar.

Entre nós não é mais um estranho nem um hóspede, e sim nosso filho, nosso adorador.

Não condene nossos olhos a buscar seu rosto em vão, ainda não.

E os sacerdotes e as sacerdotisas lhe falaram:

Não deixe que as ondas do mar nos separem agora, que os anos que passamos juntos se tornem memória.

Você andou entre nós em espírito, e sua sombra se tornou a luz que nos ilumina o rosto.

Tanto o amamos. E foi um amor mudo, que com véus foi coberto.

Agora, no entanto, ele grita chamando seu nome e não tem medo de ser revelado.

Afinal, assim é o amor, que só conhece a própria grandeza na hora da despedida.

E outros também apareceram para implorar que ficasse. Mas ele não respondeu. Apenas olhou para baixo, e aqueles que estavam mais perto viram as lágrimas que caíam em seu peito.

E ele e o povo seguiram em direção à grande praça em frente ao templo.

E do santuário saiu uma mulher chamada Almitra. Uma profetisa.

E ele a olhou com demasiada ternura, pois fora a primeira a procurá-lo e a acreditar no que dizia quando chegara à cidade não havia um dia.

E ela o saudou, dizendo:

Profeta de Deus, que busca o que há além, há muito observa o horizonte à espera de seu navio.

Agora o navio está aqui, e você deve partir.

Profundo é seu anseio pela terra de suas memórias, a morada de seus desejos maiores; e nosso amor não vai prendê-lo, tampouco nossas urgências vão impedi-lo.

Antes que nos deixe, no entanto, pedimos que fale conosco e nos ofereça sua verdade.

E nós a ofereceremos a nossos filhos, e eles, aos filhos deles, e assim nunca estará perdida.

Em sua solidão você resguardou nossos dias e em sua atenção ouviu o choro e o riso de nosso sono.

Agora, portanto, revele-nos a nós mesmos e compartilhe tudo o que lhe foi mostrado sobre aquilo que ocorre entre nascimento e morte.

E ele respondeu:

Povo de Orphalese, o que eu poderia dizer que já não se move dentro de vocês neste instante?

## SOBRE O AMOR

Então disse Almitra: fale sobre o  
**amor.**

E ele levantou a cabeça e olhou para o povo, e uma  
quietude pairou sobre todos. Com uma voz forte,  
ele disse:

Quando o amor chamar, sigam-no,  
Mesmo que o caminho seja íngreme, árduo.  
E quando suas asas os envolverem, entreguem-se a ele,  
Ainda que a lâmina oculta entre as plumas possa feri-los.  
E quando ele falar com vocês, acreditem,  
Embora sua voz possa lhes destruir os sonhos como o  
vento que devasta o jardim.

Pois assim como o amor vem coroa-los, também vem  
crucificá-los. E assim como garante que cresçam, também  
faz a poda.

Assim como se eleva e acaricia seus ramos mais frágeis  
que ao sol tremulam,

O amor também desce até o solo para sacudir suas raízes  
tão apegadas à terra.

Como se fossem trigo, ele os junta em si.

Ele os debulha até que fiquem nus.

Ele os peneira para libertá-los da palha.

Ele os mói para que se transformem.

Ele os amassa até se tornarem flexíveis;

E então os leva a seu fogo sagrado, para que assim se  
tornem o pão sagrado do banquete sagrado de Deus.



Todas essas coisas o amor fará com vocês, até que conheçam os segredos de seu coração e, com esse conhecimento, se tornem um fragmento do coração da Vida.

No entanto, se por medo buscarem apenas a paz do amor e o prazer do amor,

Então convém cobrirem a nudez e passarem longe da eira do amor,

Rumo ao mundo sem estações, onde terão risada, mas não todo o riso, e terão choro, mas não todas as lágrimas.

O amor nada oferece além de si mesmo e nada exige além de si mesmo.

O amor não tem posse nem se torna posse;

Pois o amor em si mesmo é suficiente.

Ao amar não se deve dizer: “Deus está em meu coração”, mas “eu estou no coração de Deus”.

E não pense que pode ditar o rumo do amor, pois o amor, se decidir que você é digno, ditará seus rumos.

O amor não tem desejo senão realizar a si mesmo.

Caso amem e busquem outros desejos, porém, deixem que sejam estes:

Dissolver-se e tornar-se um rio que corre e canta sua música para a noite;

Conhecer a dor de sentir ternura em demasia;  
Ferir-se graças a seu próprio entendimento do amor;  
E sangrar por vontade própria e com satisfação.  
Acordar cedo com o coração alado e agradecer por mais  
um dia amando;  
Descansar ao meio-dia e meditar no êxtase amoroso;  
Voltar para casa ao entardecer, com gratidão;  
E depois dormir, com uma prece aos amados no coração e  
uma canção de louvor nos lábios.

## SOBRE O CASAMENTO

Então Almitra falou novamente:  
e o **casamento**, mestre?  
E ele respondeu:

Vocês nasceram juntos e juntos para sempre ficarão.

Devem ficar juntos quando as alvas asas da morte minguarem seus dias.

Sim, devem ficar juntos até na memória silenciosa de Deus.

Mas permitam que haja espaço na união.

E permitam que entre vocês os ventos dos céus dançam.

Amem um ao outro, mas não façam do amor uma amarra:

Deixem que seja um mar que se move entre as margens da alma.

Enchem a taça um do outro, mas não bebam de uma só taça.

Deem um ao outro o pão, mas não comam da mesma fatia.

Cantem e dançam juntos com alegria, mas deixem que cada um viva só, em sua própria companhia,

Assim como as cordas do alaúde são únicas, embora vibrem na mesma melodia.

Entreguem seu coração, mas não à posse um do outro.

Pois só a mão da Vida pode conter um coração.

E vivam juntos, mas não tão juntos,

Pois os pilares do templo foram feitos separados,

E o cipreste nunca cresce à sombra do carvalho.



## SOBRE OS FILHOS

E uma mulher que carregava um bebê disse:  
fale sobre os **filhos**.

E ele disse:

Seus filhos não são seus filhos.

São filhos e filhas da Vida que anseia por si mesma.

Eles vêm ao mundo por meio de vocês, mas não propriamente de vocês,

E, embora com vocês vivam, não lhes pertencem.

Podem dar a eles seu amor, mas não suas ideias, pois eles têm as próprias ideias.

Podem abrigar o corpo deles, mas não a alma,

Pois as almas vivem na morada do amanhã, e vocês não podem chegar lá nem mesmo ao sonhar.

Podem tentar ser como eles, mas não tentem fazer com que sejam como vocês.

Pois a vida não anda para trás e não tarda com o ontem.

Vocês são os arcos pelos quais seus filhos, como flechas vivas, são lançados.

O arqueiro vê o alvo no infinito e puxa cada um com força para que as flechas voem ligeiras para longe.

Entreguem-se de bom grado às mãos do arqueiro,

Pois, assim como ama o voo da flecha, Ele também ama a estabilidade do arco.



## SOBRE A DOAÇÃO

Então disse um homem rico:  
fale sobre a **doação**.  
E ele respondeu:

Doam muito pouco quando doam suas posses.

É quando doam de si mesmos que o fazem verdadeiramente.

Pois o que são as posses, senão objetos guardados devido ao medo da urgência de amanhã?

E amanhã, o que o amanhã poderá trazer ao cão tão prudente que enterra ossos na areia intocada e segue os peregrinos até a cidade santa?

E o que é o medo da necessidade, senão a própria necessidade?

Não é o medo da sede, diante de um poço cheio, a sede que jamais será saciada?

Há aqueles que doam pouco do muito que têm – e o fazem em troca de reconhecimento, e esse desejo secreto torna seus presentes nocivos.

E há aqueles que têm pouco e doam tudo.

São eles que creem na vida, na generosidade da vida, e cujo cofre nunca se esvazia.

Há aqueles que doam com prazer, e o prazer é sua recompensa.

E há aqueles que doam com pesar, e o pesar é seu batismo.

E há aqueles que doam sem ver pesar nem buscar prazer e sequer doam com consciência de sua virtude;

Esses doam como a murta, que emana seu perfume no vale tão distante.

Através de suas mãos Deus fala, e por trás de seus olhos Ele sorri para o mundo.

É bom doar quando alguém pede, mas é melhor doar apenas por compreensão, quando ninguém pede.

E, para o generoso, buscar quem receba é um prazer maior que a doação.

E há algo que possam guardar para si?

Tudo o que têm será doado um dia;

Portanto, doem hoje, para que a estação da gratidão seja sua, não de quem a herdaria.

Muitos entre vocês dizem: “Só doo para aqueles que merecem”.

As árvores de seu pomar não dizem isso, tampouco os rebanhos em seu pasto.

Eles se doam para sobreviver, pois guardar para si seria perecer.

Quem é digno de receber dias e noites certamente é digno de tudo o que vocês possam doar.

E quem mereceu beber do oceano da vida merece encher a taça em seu simplório córrego.

E haveria virtude maior que aquela que reside na coragem, na confiança e, ainda mais, na caridade de receber?

E quem são vocês para que homens venham de coração aberto e orgulho exposto, para que só assim lhes vejam o valor despido e o orgulho intacto?

Garantam antes que vocês mereçam se tornar um instrumento da doação.

Pois na verdade é a vida que se doa à própria vida – enquanto vocês, que se julgam caridosos, são apenas testemunhas.

E vocês, que recebem a doação – e todos a recebem –, não vejam a gratidão como fardo, para que não se torne um cabresto àqueles que doaram e a si mesmos.

Pelo contrário, andem lado a lado com quem lhes doou suas dádivas, como se fossem asas;

Pois preocupar-se em excesso com a dívida é duvidar da grandeza daqueles que têm a terra livre como mãe e Deus como pai.



## SOBRE A COMIDA E A BEBIDA

Então o velho dono de uma hospedaria disse:  
fale sobre a **comida** e a **bebida**.

E ele respondeu:

Bom seria se pudessem viver do perfume da terra e, como uma planta aérea, buscar sustento na luz.

Mas já que devem matar para comer e roubar do recém-nascido o leite materno que sacia sua sede, então permitam que esses sejam atos de adoração.

E permitam que sua mesa se torne um altar, onde os puros e os inocentes da natureza sejam sacrificados em nome do que é ainda mais puro e inocente no homem.

Quando matarem um animal, digam a ele em seu coração:

“Pelo mesmo poder que o abate, também eu sou abatido e também eu devo ser consumido.

Pois a lei que o trouxe a minhas mãos é a mesma que me levará a mãos mais poderosas.

Seu sangue e meu sangue são apenas a seiva que sustenta a árvore do paraíso.”

E quando cravarem os dentes numa maçã, digam a ela em seu coração:

“Suas sementes em meu corpo viverão,  
E os brotos de seu amanhã florescerão em meu peito,  
E seu perfume será meu hálito,  
E juntos celebraremos cada estação.”

E no outono, quando levarem as uvas de seus vinhedos para a moagem, digam em seu coração:

“Também eu sou um vinhedo, e meus frutos são colhidos para a moagem,

E devo ser mantido em barris eternos, como o vinho jovem.”

E, no inverno, quando servirem o vinho, levem no coração uma canção para cada taça;

E que em cada canção haja a lembrança dos dias de outono, e do vinhedo, e da moagem.

## SOBRE O TRABALHO

Então um fazendeiro disse:  
fale sobre o **trabalho**.  
E ele respondeu:

Vocês trabalham para seguir os passos da terra e da alma da terra.

Pois se entregar ao ócio é perder de vista as estações do ano e se afastar da procissão da vida, que marcha majestosa e submissa rumo ao infinito.

Quando trabalham, são uma flauta em cujo interior o sussurro das horas se torna ritmo.

Qual de vocês se contentaria com o silêncio imóvel enquanto todos cantam em uníssono?

Sempre lhes disseram que o trabalho é uma maldição e o esforço é um atraso.

Eu, no entanto, lhes digo que, com o trabalho, realizam parte do sonho mais antigo da terra, e esse papel é seu desde que o sonho nasceu,

E ao trabalhar com vontade estão na verdade amando a vida,

E amar a vida através do trabalho é conhecer de perto seu segredo mais íntimo.

Mas se, em sua dor, chamar o nascimento de punição e o sustento do corpo de uma maldição que têm gravada na testa, então respondo que só o suor será capaz de lavar essa insígnia.

Também lhes disseram que a vida é escuridão, e em sua exaustão ecoa o que foi dito por quem se exauriu.

E eu lhes digo que a vida é de fato escuridão, exceto quando há vontade,

E toda vontade é cega, exceto quando há saber,

E todo saber é vão, exceto quando há trabalho,

E todo trabalho é vazio, exceto quando há amor;

E quando trabalham com amor se aproximam de si mesmos, e uns dos outros, e de Deus.

E o que é trabalhar com amor?

É tecer uma roupa com os fios do coração, como se aqueles que amam fossem vesti-la.

É construir uma casa com afeto, como se aqueles que amam fossem morar sob esse teto.

É plantar sementes com ternura e colher com alegria, como se aqueles que amam fossem comer desse fruto.

É preencher tudo o que criarem com o sopro de seu próprio espírito,

E saber que todos os que já se foram os observam neste momento.

Tantas vezes ouvi-os dizendo, como se estivessem dormindo: “Aquele que lida com mármore, e na pedra encontra a forma de sua alma, é mais nobre que aquele que lida com o solo. E aquele que captura o arco-íris, e dele faz

um tecido à semelhança do homem, é maior que aquele que faz sapatos”.

Mas eu lhes digo – não dormindo, mas na plena consciência do dia – que o vento fala com a mesma doçura tanto do carvalho gigante quanto da mais ínfima folha;

E grande é aquele que faz da voz do vento uma música ainda mais doce porque ama.

O trabalho é o amor tornado visível.

E, se não conseguirem trabalhar com amor, apenas com desgosto, é melhor que deixem o posto, sentem-se diante da porta do templo e peçam esmola aos que trabalham com prazer.

Pois se fizerem pão com desdém, o resultado será uma massa amarga que só sacia metade da fome de um homem.

E se espremerem as uvas com rancor, seu rancor destilará veneno no vinho.

E mesmo que cantem como anjos, se não amarem a música que cantam, os homens não darão ouvidos às vozes do dia e às vozes da noite.

SOBRE A ALEGRIA E A TRISTEZA

Então uma mulher disse:  
fale sobre a **alegria** e a **tristeza**.  
E ele respondeu:

Sua alegria é sua tristeza sem máscara.

E o poço do qual nasce seu riso muitas vezes esteve cheio de lágrimas.

E como seria de outra maneira?

Quanto mais fundo em seu interior a tristeza abre caminho, mais espaço se cria para a alegria.

Não seria a taça que serve seu vinho a mesma taça que antes queimaram na olaria?

E não foi o alaúde que acalma sua alma feito da mesma madeira que entalharam à lâmina?

Quando sentirem alegria, procurem no fundo do coração e saberão que só o que antes lhes deu tristeza pode hoje dar-lhes alegria.

Quando sentirem tristeza, procurem uma vez mais e verão que hoje choram por aquilo que felicidade lhes trazia.

Alguns de vocês dizem: “A alegria é maior que a tristeza”. Outros dizem: “Não, a tristeza é a maior”.

Mas eu lhes digo que são inseparáveis.

Sempre vêm juntas, e enquanto uma está a sós com vocês à mesa, não se esqueçam de que a outra adormece em sua cama.

Em verdade vivem suspensos na balança entre tristeza e alegria.

Só vazios podem encontrar o equilíbrio e o silêncio.

Quando o guardião do tesouro os levanta para pesar o ouro e a prata, é inevitável que sua alegria, ou sua tristeza, suba ou caia.

## SOBRE A CASA

Então um construtor se aproximou e pediu:

fale sobre a **Casa**.

E ele respondeu:

Construam um abrigo no deserto antes de erguerem uma casa entre os muros da cidade.

Pois assim como voltam para casa ao fim do dia, também regressa o viajante que há em vocês, o andarilho solitário e distante.

Sua casa é seu corpo mais amplo.

Cresce sob o sol e dorme no silêncio da noite; e nunca deixa de sonhar. Ora, sua casa não sonha? E, ao sonhar, não troca a cidade pelo bosque ou pelo campo?

Quem dera eu pudesse pegar suas casas nas mãos e, como um agricultor, espalhar cada uma pela floresta ou pelo prado.

Os vales seriam suas vias, e os verdes pastos, suas vielas, e assim buscariam uns aos outros pelos vinhedos e voltariam com o perfume da terra nos trajés.

Tais coisas, porém, ainda não são possíveis.

Por medo, seus antepassados os fizeram viver muito próximos. E esse medo reinará por algum tempo. E nesse tempo os muros da cidade continuarão separando as lavras e os lares.

E digam-me, moradores de Orphalese, o que guardam em casa? E o que protegem detrás das portas trancadas?

Guardam a paz, a força calma que revela sua potência?

Guardam as lembranças, os arcos cintilantes que chegam ao alto da mente?

Guardam a beleza, que leva o coração a coisas feitas de madeira e pedra e também à montanha sagrada?

Digam-me: é isso que guardam em casa?

Ou guardam apenas o conforto e a cobiça por conforto, esse visitante traiçoeiro que chega à casa como hóspede, depois se torna anfitrião e, por fim, mestre?

Sim, e se torna domador, e com a escápula e o chicote transforma em marionetes seus maiores anseios.

Embora suas mãos sejam macias, seu coração é de aço.

Ele os põe para dormir, mas depois vigia sua cama e debocha da dignidade humana.

Faz piada de suas ideias sãs e as descarta como frágeis vasos de porcelana.

Em verdade a cobiça por conforto assassina a paixão das almas e depois chega sorrindo ao enterro.

Mas vocês, filhos da imensidão, vocês, incansáveis em seu descanso, vocês não devem ser domados nem domesticados.

Sua casa não deve ser uma âncora, mas, sim, um mastro.

Não deve ser a membrana cintilante que cobre a ferida, mas a pálpebra que protege o olho.

Vocês não devem fechar suas asas antes de passar pela porta nem baixar a cabeça para evitar o teto, nem prender o fôlego para que não desmoronem as paredes.

Não devem viver em túmulos que os mortos construíram para os vivos.

E, embora seja magnífica e gloriosa, sua casa não deve guardar seu segredo nem abrigar seu anseio.

Pois o infinito que há em vocês habita a mansão dos céus, cuja porta é a névoa da manhã e cujas janelas são as canções e os silêncios da noite.

## SOBRE AS ROUPAS

E o tecelão disse:  
fale sobre as **roupas**.

E ele respondeu:

Suas roupas ocultam muito de sua beleza, mas falham em esconder o que não é belo.

E, embora busquem no vestuário a privacidade libertadora, podem acabar encontrando a mordaca e a coleira.

Que bom seria sentir o sol e o vento com mais de sua pele e menos de seu indumento,

Pois o sopro da vida está na luz do sol, e o toque da vida está no vento.

Alguns de vocês dizem: “O vento do norte teceu as roupas que vestimos”.

E eu lhes digo que sim, foi o vento do norte,

Mas a vergonha foi seu tear, e dos tendões amolecidos fez-se o fio.

E ao terminar seu trabalho ele riu pelo bosque.

Nunca se esqueçam de que o pudor é um escudo contra o olhar impuro.

E quando não houver mais olhar impuro, o que será o pudor, senão a prisão e a podridão da mente?

E não se esqueçam de que a terra se comove ao sentir seus pés descalços e o vento não vê a hora de brincar com seus cabelos.

SOBRE A COMPRA E A VENDA

E um comerciante disse:  
fale sobre a **compra** e a **venda**.

E ele seguiu:

A vocês a terra concede seus frutos, e nada lhes faltará se souberem como encher as mãos.

É trocando entre si as dádivas da terra que encontrarão abundância e satisfação.

Se não houver amor, justiça e generosidade, contudo, a troca levará alguns à ganância e outros à fome.

Quando vocês, trabalhadores dos mares, dos campos e dos vinhedos, encontrarem no mercado os tecelões, os oleiros e os mercantes de especiarias,

Invoquem nesse momento o espírito mestre da terra, para que vá até vocês e consagre balanças e calculadoras que comparam seus valores.

E não permitam que aqueles que têm as mãos vazias tomem parte em suas transações, pois venderiam suas palavras por trabalho.

A esses homens devem dizer:

“Venham conosco para o campo ou vão com nossos irmãos para o mar e arremessem suas redes;

Pois a terra e o mar lhes recompensarão como fizeram conosco.”

E se vierem os cantores, os dançarinos e os flautistas, comprem de seus dons igualmente.

Pois também eles colhem frutos e fragrâncias, e as coisas que levam, embora sejam feitas de sonhos, protegem e alimentam o espírito.

E antes de saírem do mercado, garantam que ninguém siga caminho de mãos vazias.

Pois o espírito mestre da terra não descansa enquanto o mais humilde de vocês não se satisfizer.



## SOBRE O CRIME E O CASTIGO

Então um dos juízes da cidade se aproximou  
e disse: fale sobre o **crime** e o **castigo**.

E ele respondeu:

É quando seu espírito sai andando pelo vento, sem rumo,  
Que vocês, sozinhos e vulneráveis, fazem mal aos outros  
e, por consequência, a si mesmos.

E pelo mal que causaram devem esperar sem auxílio à  
porta dos abençoados.

Seu eu-deus é como o oceano;

Continua eternamente imaculado.

E, como o éter, não eleva os alados.

Seu eu-deus é também como o sol;

Não conhece os rumos da toupeira nem busca o covil da  
serpente.

No entanto, seu eu-deus não habita sozinho em seu  
interior.

Vocês têm muito de homem e muito do que ainda não é  
homem,

E sim um animal disforme que anda sonâmbulo pela  
névoa em busca do próprio despertar.

E é do homem em vocês que agora quero falar.

Pois é ele, e não o eu-deus ou o animal na névoa, que  
conhece o crime e sua punição.

Muitas vezes os ouvi falar de alguém que cometeu um crime  
como se não fosse um de vocês, mas um desconhecido em  
seu meio, um intruso em seu mundo.

Eu lhes digo, porém, que, assim como os santos e os justos não ultrapassam o que há de mais elevado em cada um de vocês,

Os falhos e os fracos não podem ultrapassar o que há de mais baixo.

E assim como nem sequer uma folha pode secar sem a permissão silenciosa da árvore,

O criminoso não pode cometer seu crime sem o impulso secreto de vocês todos.

Como uma procissão, vocês andam juntos rumo ao eu-deus.

São tanto a viagem quanto os viajantes.

E quando um de vocês cai, cai também em nome daqueles que vêm atrás, e pode alertar a todos sobre a pedra na qual tropeçou.

Sim, também cai em nome daqueles que vão à frente, que, embora tenham o passo mais rápido e mais firme, não removeram a pedra em que tropeçaram.

Além disso, embora estas palavras sejam um peso em seu coração:

Aquele que foi assassinado não está livre de responsabilidade pelo próprio assassinato,

E aquele que foi roubado não é isento de culpa pelo próprio roubo.

O justo não é inocente das ações do perverso,

E aqueles que têm as mãos limpas não estão imaculados dos atos do criminoso.

Sim, o culpado é muitas vezes vítima do ofendido,

E, mais vezes ainda, o condenado é quem carrega o fardo do inocente e do impecável.

É impossível separar os justos dos injustos e os bons dos maus.

Pois ambos andam juntos sob a face do sol, assim como os fios negros e os fios brancos são parte da mesma trama.

E quando a linha negra se rompe, o tecelão deve examinar todo o tecido e o próprio tear.

Caso algum de vocês leve a julgamento uma esposa adúltera,

Que também ponha o coração de seu marido na balança e de sua alma tire as medidas.

E que aquele que deseja açoitar o agressor examine o espírito do agredido.

E se algum de vocês quiser punir em nome da justiça e derrubar com o machado a árvore da maldade, que antes desça até as raízes;

E com certeza encontrará as raízes do bem e do mal, do frutífero e do infrutífero, todas entrelaçadas no coração silencioso da terra.

E vocês, juízes que buscam ser justos,

Que julgamento oferecem àquele que é honesto na carne, mas ladrão em espírito?

Que punição aplicam àquele que assassina na carne, mas é assassinado ele mesmo em espírito?

E como julgam aquele que é desonesto e opressor em seus atos,

Mas também foi prejudicado e ofendido?

E como punem aquele cujo arrependimento já ultrapassa a grandeza de seus delitos?

Não seria o arrependimento a justiça administrada pela mesma lei a que servem com tanto orgulho?

Não podem, no entanto, impor arrependimento ao inocente nem livrar o coração do culpado.

Espontâneo, chama na madrugada, para que homens acordem e vejam a si mesmos como são.

E vocês, que buscam compreender a justiça, como poderiam, senão encarando todos os atos sob a luz plena?

Só assim saberão que o elevado e o baixo são o mesmo homem, no crepúsculo que separa a noite de seu eu-animal e o dia de seu eu-deus,

E que a pedra fundamental do templo nunca é mais elevada que a pedra mais rasteira de sua fundação.

## SOBRE AS LEIS

Então um advogado disse:  
e as nossas **leis**, mestre?  
E ele respondeu:

Vocês se deleitam elaborando leis,

Mas se deleitam ainda mais quando as desrespeitam.

Como crianças que, brincando à beira-mar, constroem castelos de areia com cuidado e depois os destroem, aos risos.

No entanto, quando constroem seus castelos de areia, o mar traz mais areia à praia.

E quando os destroem, o mar ri com vocês.

Em verdade o mar sempre ri com sua inocência.

Mas e aqueles para os quais a vida não é o mar e as leis do homem não são castelos de areia,

Para os quais a vida é uma pedra e a lei é o cinzel que usariam para esculpi-la à própria semelhança?

E o que dizer do aleijado que odeia os que dançam?

E do boi que ama o jugo, mas julga o alce e o veado inferiores, vira-latas?

E da velha serpente que não pode mais trocar de pele e chama todas as outras de despidas, indecentes?

E daquele que chega cedo ao banquete e depois, estufado e cansado, vai embora dizendo que os banquetes são um pecado e os convidados, transgressores?

O que eu poderia dizer dessas pessoas, senão que também vivem sob o sol, mas que estão de costas para a luz?

Só podem ver a própria sombra, e a sombra é sua lei.

E para elas o que é o sol, senão uma fonte de sombras?

E o que é respeitar a lei, senão curvar-se e desenhar suas sombras no solo?

Mas vocês, que andam de frente para o sol, que imagens desenhadas na terra poderão impedi-los?

Vocês, que viajam como o vento, que cata-vento poderá mudar seu rumo?

Que lei do homem poderá prendê-los se romperem o jugo, mas não à porta da prisão do homem?

Que leis deverão temer se dançarem, mas nunca se aproximarem das correntes de ferro feitas pelo homem?

E quem poderá levá-los a julgamento se rasgarem suas roupas, mas não as deixarem no caminho do homem?

Povo de Orphalese, vocês podem abafar o tambor e até soltar as cordas da lira, mas quem poderá impedir o canto da cotovia?

SOBRE A LIBERDADE

E um orador disse:  
fale sobre a **liberdade**.

E ele respondeu:

Diante dos portões da cidade e ao lado da lareira, eu os vi prostrados em adoração à própria liberdade,

Como escravos que se humilham perante um tirano e o aplaudem mesmo que este os mate.

Sim, tanto no bosque do templo quanto à sombra da fortaleza, vi os mais livres entre vocês permitirem que a própria liberdade fosse o jugo e as algemas.

E meu coração sangrou por dentro, pois só podem ser livres quando até mesmo o desejo de buscar a liberdade se tornar uma prisão e quando deixarem de falar da liberdade como meta e realização.

Serão livres de fato não quando seus dias seguirem sem receio e suas noites sem desejo ou sofrimento,

Mas quando tais coisas os cercarem e ainda assim vocês as superarem, despidos e infinitos.

E como poderão ir além de dias e noites, a não ser que quebrem as correntes com que, na manhã de seu conhecimento, prenderam a si mesmos em seu meio-dia?

Em verdade aquilo que chamam de liberdade é a mais forte dessas correntes, embora suas argolas brilhem ao sol e lhes encham os olhos.

E o que são, senão fragmentos de si mesmos que estariam dispostos a descartar para tornarem-se livres?

Se é uma lei injusta que buscam abolir, a mesma lei foi escrita por sua própria mão em sua própria testa.

Não podem apagá-la queimando códigos nem lavando o rosto dos juízes, embora sobre eles derramem o mar.

E se é um déspota que querem destronar, vejam antes se o trono foi destruído em seu interior.

Pois como poderia um tirano comandar os livres e orgulhosos caso não houvesse tirania em sua liberdade e vergonha em seu orgulho?

E se é uma angústia que querem abandonar, essa angústia foi escolhida por vocês muito mais que imposta a vocês.

E se é um medo que querem afastar, a origem desse medo está em seu coração, não nas mãos daquilo que temem.

Em verdade, todas as coisas se movem em seu interior num constante meio abraço, o que desejam e o que temem, o repugnante e o adorado, aquilo que procuram e aquilo de que buscam fugir.

Tais coisas se movem dentro de vocês em pares inseparáveis, como a luz e a sombra.

E quando a sombra enfraquece e já não mais existe, a luz que resta se torna a sombra de uma nova luz.

E assim é sua liberdade, que quando perde seus grilhões se torna o grilhão de uma liberdade mais ampla.

## SOBRE A RAZÃO E A PAIXÃO

E a sacerdotisa se manifestou novamente:  
fale sobre a **razão** e a **paixão**.

E ele respondeu:

Muitas vezes as almas se tornam um campo de batalha, no qual a razão e o juízo travam uma guerra contra a paixão e o desejo.

Quem dera eu fosse o pacificador de sua alma, que pudesse transformar a discórdia e a rivalidade de seus atributos em unidade e melodia.

Mas como poderia, a não ser que vocês mesmos fossem os pacificadores, ou melhor, os entusiastas de todos os seus atributos?

Sua razão e sua paixão são o leme e as velas de sua alma navegante.

Se as velas ou o leme se quebrarem, só lhes restará ficar à deriva ou imóveis em alto-mar.

Pois a razão, quando reina sozinha, é uma força que limita; e a paixão, se não houver cuidado, é uma chama que arde até a própria destruição.

Deixem, portanto, que sua alma eleve sua razão à altura da paixão, para que assim cante;

E deixem que direcione sua paixão com razão, para que assim a paixão viva sua ressurreição diária e, como a fênix, renasça das cinzas.

Peço que tratem seu juízo e seu desejo como dois hóspedes queridos que chegam à sua casa.

Certamente não tratariam apenas um deles com respeito; pois aquele que se importa apenas com um perde o amor e a confiança do outro.

Nas colinas, quando se sentarem sob a sombra fresca dos álamos brancos, compartilhando a paz e a serenidade dos campos e dos pastos distantes, deixem que seu coração diga em silêncio: “Deus repousa na razão”.

E quando a tempestade chegar, e o vento forte sacudir a floresta, e os raios e os trovões proclamarem a majestade do céu, deixem que o coração diga com respeito: “Deus se move com a paixão”.

E, já que são um sopro no ambiente de Deus e uma folha na floresta de Deus, vocês também devem repousar na razão e se mover com a paixão.

SOBRE A DOR

E uma mulher pediu:  
fale sobre a **dor**.  
E ele disse:

Sua dor é o rompimento da casca que aprisiona seu conhecimento.

Assim como a semente da fruta precisa se romper para que seu coração se revele ao sol, vocês devem conhecer sua dor.

E se pudessem manter o coração surpreso diante dos milagres diários da vida, sua dor não seria menos surpreendente que sua alegria;

E aceitariam as estações do coração, assim como sempre aceitaram as estações que cobrem os campos.

E as observariam, serenos, pelos invernos de seu luto.

Muito da dor que sentem vem de sua própria escolha.

É a poção amarga com que o médico que há em vocês cura a parte que adoeceu.

Confiem no médico, portanto, e bebam de seu remédio com tranquilidade e em silêncio.

Pois sua mão, embora rígida e ríspida, é guiada pela suave mão do Invisível,

E a taça que Ele oferece, embora lhes queime os lábios, foi feita do barro que o Oleiro umedeceu com Suas lágrimas sagradas.

## SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

E um homem disse:  
fale sobre o **autoconhecimento**.

E ele respondeu:



Em silêncio seu coração conhece os segredos dos dias e das noites.

Mas seus ouvidos anseiam pelo som daquilo que seu coração sente.

Assim saberiam em palavras o que sempre souberam em pensamento.

Assim tocariam com os dedos o corpo nu de seus sonhos.

E é bom que seja assim.

A nascente oculta de sua alma deve brotar e correr murmurante para o mar;

E dessa forma o tesouro de sua infinita profundidade seria aos olhos revelado.

Mas não tentem usar uma balança para pesar seus tesouros desconhecidos;

E não tentem explorar as profundezas de seu conhecimento com um bastão ou uma linha;

Pois o eu é um mar sem limite e sem medida.

Não digam: “Encontrei a verdade”, e sim: “Encontrei uma das verdades”.

Não digam: “Encontrei o caminho da alma”.

E sim : “Encontrei a alma andando pelo caminho”.

Pois a alma anda por todos os caminhos.

A alma não anda em linha reta, tampouco cresce como a cana.

A alma abre-se em camadas, como uma flor de lótus com inúmeras pétalas.

## SOBRE O ENSINO

Então disse um professor:  
fale sobre o **ensino**.  
E ele disse:

Nenhum homem pode revelar a vocês coisas que já não estejam semidespertadas nas manhãs de seu conhecimento.

O mestre que caminha à sombra do templo entre seus discípulos não oferece sua sabedoria, mas sua fé e seu afeto.

Se é de fato sábio, ele não os convida a entrar na casa de sua sabedoria, ele os acompanha até a soleira de sua própria mente.

O astrônomo pode lhes falar sobre seu conhecimento do espaço, mas não pode lhes oferecer seu conhecimento.

O músico pode cantar de acordo com o ritmo que está em todo espaço, mas não pode lhes oferecer o ouvido que capta a melodia nem a voz que dela faz eco.

E aquele que é versado na ciência dos números pode lhes falar do reino dos pesos e das medidas, mas não pode conduzi-los.

Pois a visão de um homem não oferece suas asas a outro.

E assim como cada um de vocês é único no conhecimento de Deus, cada um de vocês deve ter seu conhecimento individual de Deus e sua compreensão da terra.

## SOBRE A AMIZADE

E um jovem disse:  
fale sobre a **amizade**.

E ele respondeu:

Seu amigo é a resposta de suas necessidades.

É o campo que você semeia com amor e do qual colhe com gratidão.

E é sua mesa e sua lareira.

Pois chegam a ele com fome e nele buscam tranquilidade.

Quando seu amigo disser o que pensa, não tema o “não” que há em seu próprio pensamento nem lhe negue o “sim”.

E quando ele ficar em silêncio, que seu coração não deixe de escutar o dele;

Pois na amizade, sem palavras, todas as ideias, os desejos e as expectativas nascem e são compartilhados com uma alegria pouco celebrada.

Quando se separar de seu amigo, não guarde mágoa;

Pois aquilo que mais ama nele será mais nítido em sua ausência, assim como a montanha é mais nítida quando o alpinista ainda está na terra.

E que não haja motivo na amizade senão o crescimento da alma.

Pois o amor que busca algo além da revelação do próprio mistério não é amor, mas uma rede já lançada, e a rede só apanha o que não vale nada.

E garanta que seu amigo receba o melhor de você.

Que conheça sua maré baixa, mas também conheça a maré cheia.

Pois como seria se você só o procurasse para matar o tempo?

Sempre o procure com tempo a viver.

Pois é ele quem vai satisfazer suas necessidades, mas não preencher seu vazio.

E, na doçura da amizade, que haja riso e prazeres compartilhados.

Pois é no orvalho das coisas simples que o coração encontra sua manhã e sai renovado.

## SOBRE O ATO DE FALAR

E então um estudioso disse:  
conte sobre o **ato de falar**.

E ele respondeu:

Vocês falam quando deixam de estar em paz com seus pensamentos;

E quando não podem mais viver na solidão de seu coração, passam a viver nos lábios, e o som é uma diversão, um passatempo.

E, em muito do que falam, acabam por matar o que pensavam.

Pois o pensamento é uma ave da imensidão, que, presa em uma gaiola de palavras, consegue abrir as asas, mas não levantar voo.

Entre vocês há aqueles que buscam os que muito falam, porque têm medo da solidão.

O silêncio da solidão se revelaria diante deles em toda sua nudez, e eles fugiriam sem olhar para trás.

E há aqueles que falam e, sem conhecimento nem premeditação, revelam uma verdade que eles mesmos não entendem.

E há aqueles que têm a verdade dentro de si, mas não a dizem em palavras.

No interior dessas pessoas o espírito habita num silêncio rítmico.

Quando encontrarem seu amigo na rua ou no mercado, deixem que o espírito que reside em vocês mova seus lábios e guie sua língua.

Deixem que a voz dentro de sua voz fale com o ouvido de seu ouvido;

Pois sua alma guardará a verdade de seu coração, assim como nos lembramos do gosto do vinho

Quando a cor já desbotou e a garrafa já se foi.

## SOBRE O TEMPO

E um astrônomo disse:  
mestre, e o **tempo**?  
E ele respondeu:

Se pudessem medir o tempo, mediriam o incontável e o imensurável.

Mudariam seu comportamento e até guiariam o rumo de seu espírito de acordo com as estações e as horas.

Fariam do tempo um rio em cuja margem se sentariam para observar a correnteza.

No entanto, o atemporal em vocês conhece o atemporal da vida,

E sabe que o ontem é tão somente a memória do hoje, e o amanhã é o sonho do hoje.

E que aquilo que em vocês canta e contempla ainda reside naquele primeiro momento que espalhou as estrelas pelo espaço.

Quem entre vocês não sente que há um poder de amor ilimitado?

E, ainda assim, quem não sente esse mesmo amor, embora ilimitado, preso no cerne de seu ser, movendo-se não de um pensamento amoroso a outro nem de um ato amoroso a outro?

E não é o tempo igual ao amor, indivisível e desmedido?

No entanto, se em pensamentos sentem que devem medir o tempo por meio de estações, permitam que cada estação envolva todas as outras estações,

E deixem que o hoje acolha o passado com memória e o futuro com disposição.

SOBRE O BEM E O MAL

E um dos anciãos da cidade disse:  
fale sobre o **bem** e o **mal**.

E ele respondeu:

Do bem que há em vocês posso falar, mas não do mal.

Pois o que é o mal, senão o bem torturado por sua fome e sua sede?

Em verdade, quando sente fome, o bem busca comida mesmo nas cavernas escuras e, quando sente sede, bebe até das águas insalubres.

Vocês são bons quando estão em harmonia consigo mesmos.

No entanto, quando não estão em harmonia, não são maus.

Pois uma casa desunida não é um covil de ladrões; é só uma casa desunida.

E um navio sem leme pode seguir sem rumo por ilhas perigosas e, ainda assim, não afundar.

Vocês são bons quando se esforçam e doam de si mesmos.

No entanto, não são maus quando buscam o próprio benefício.

Pois quando buscam o próprio benefício são nada mais que uma raiz que se agarra à terra e mama em seu seio.

É certo que a fruta não pode dizer à raiz: “Seja como eu, madura e cheia, e sempre doe de sua abundância”.

Pois para a fruta doar é uma necessidade, e para a raiz receber é necessário.

Vocês são bons quando estão plenamente despertos em seu discurso;

No entanto, não são maus quando adormecem com a língua gaguejando, sem propósito.

E até mesmo um discurso gago pode fortalecer a língua frágil.

Vocês são bons quando andam rumo ao objetivo com passos firmes e fortes.

No entanto, não são maus quando seguem adiante mancando.

Mesmo aqueles que mancam não andam para trás.

Mas vocês, que são ágeis e astutos, não andem mancando ao lado dos mancos como se esse fosse um ato de bondade.

Vocês são bons de inúmeras formas e não são maus quando não são bons,

São apenas ociosos, preguiçosos.

É uma pena que as gazelas não possam ensinar às tartarugas a velocidade.

No desejo por seu eu-gigante reside o que é bom em vocês: e esse desejo está em toda parte.

Mas em alguns esse desejo é uma corrente que segue violenta para o mar, levando os segredos das colinas e as canções da floresta.

E em outros é um córrego lento que se perde em ângulos e curvas e demora para chegar à costa.

Não permitam, contudo, que aquele que deseja muito diga àquele que deseja pouco: “Por que é tão indeciso, tão vagaroso?”.

Pois os verdadeiramente bons não perguntam “Onde estão suas roupas?” a quem anda nu nem “O que houve com sua casa?” ao desabrigado.

## SOBRE A ORAÇÃO

Então uma sacerdotisa disse:  
fale sobre a **oração**.  
E ele respondeu:

Vocês oram em horas de angústia e necessidade; quem dera também orassem na plenitude de sua alegria e em seus dias de abundância.

Pois o que é a oração, senão a expansão de quem são no éter vivo?

E se os conforta verter sua escuridão, também pode ser agradável verter as manhãs de seu coração.

E se não deixam de chorar quando sua alma os convoca para a oração, é papel dela estimulá-los, mesmo que chorem, até que sigam sorrindo.

Quando oram, vocês se elevam e encontram no ar aqueles que oram naquele exato momento, a quem nunca encontrariam em outra ocasião.

Portanto, garantam que sua visita ao templo seja invisível, reservada ao êxtase e à doce comunhão.

Pois se entrarem no templo com o único propósito de pedir, nada receberão;

E se entrarem para se humilhar, não se elevarão:

E mesmo se entrarem para implorar pelo bem de outros, não os ouvirão.

É o suficiente que entrem no templo invisíveis.

Não posso ensiná-los a orar com palavras.

Deus não ouve suas palavras, exceto quando Ele mesmo as profere através de seus lábios.

E não posso ensiná-los a oração dos mares e das florestas e das montanhas.

Mas vocês que nasceram das montanhas e das florestas e dos mares podem encontrar sua oração em seu coração,

E se ouvirem na quietude da noite, podem escutá-la dizendo em silêncio:

“Deus nosso, que és nosso eu-alado, é tua vontade que em nós impera.

É teu desejo que em nós deseja.

É teu impulso que em nós pode tornar nossas noites, que são tuas, em dias, que também são teus.

Nada podemos pedir a vós, pois conheces nossas necessidades antes que nasçam em nós:

Tu és nossa necessidade; e, dando-nos mais de ti, nos dás tudo o que há.”

## SOBRE O PRAZER

Então um ermitão, que visitava a cidade uma vez  
por ano, se aproximou e disse:  
fale sobre o **prazer**.  
E ele afirmou:



O prazer é uma canção de liberdade,

Mas não é liberdade.

É o florescer de seus desejos,

Mas não é seu fruto.

É a profundidade clamando à altura,

Mas não é o profundo nem o alto.

É a ave que vive na gaiola alçando voo,

Mas não é o espaço à volta.

Sim, é a mais pura verdade, o prazer é uma canção de liberdade.

E eu deixaria que a cantassem com todo o coração, mas não gostaria que perdessem o coração enquanto cantam.

Alguns dos mais jovens buscam prazer como se fosse tudo e se tornam alvo de julgamento e censura.

Eu não os julgaria nem censuraria. Eu deixaria que seguissem em busca.

Pois de fato encontrarão prazer, mas não só ele;

Sete são suas irmãs, e a menor é a mais bela.

Já ouviram falar do homem que buscava raízes e descobriu um tesouro enquanto cavava a terra?

E alguns dos mais velhos relembram seus prazeres com arrependimento, como erros cometidos num momento de embriaguez.

O arrependimento, no entanto, é o obscurecimento da mente, não sua punição.

Deveriam se lembrar de seus prazeres com gratidão, como fariam com uma colheita de verão.

Se o arrependimento os consola, porém, deixem que busquem remissão.

E entre vocês há aqueles que não são jovens para buscar nem velhos para relembrar;

E por medo de buscar e relembrar evitam todos os prazeres, pois assim não abandonam nem ofendem o espírito.

Mas mesmo nessa atitude reside seu prazer.

E, portanto, também eles encontram um tesouro, embora cavem a terra com mãos trêmulas.

Mas me digam: quem seria capaz de ofender o espírito?

Poderia o rouxinol ofender a quietude da noite ou o vagalume, as estrelas?

E poderia sua chama ou sua fumaça oprimir o vento?

Pensam que o espírito é água imóvel que podem agitar com uma vareta?

Muitas vezes, quando negam o prazer a si mesmos, acabam por acumular o desejo em seus espaços mais profundos.

E quem pode garantir que aquilo que foi preterido hoje não espera o dia de amanhã?

Até mesmo seu corpo conhece sua herança e seu direito e não aceita ser iludido.

E seu corpo é a harpa de sua alma,  
E cabe a você fazê-lo tocar uma linda música ou uma  
confusão de ruídos.

E agora perguntem em seus corações: “Como distinguir o  
que é bom no prazer do que não é bom?”.

Vão para campos e jardins e aprenderão que é prazer da  
abelha sugar o mel da flor,

Mas também é prazer da flor entregar seu mel à abelha.

Pois para a abelha a fonte de vida é a flor,

E para a flor, a abelha é uma mensageira do amor,

E para ambas, abelha e flor, dar e receber prazer é uma  
necessidade e um êxtase.

Povo de Orphalese, sejam em seus prazeres como as abelhas  
e as flores.

## SOBRE A BELEZA

E um poeta disse:  
fale sobre a **beleza**.

E ele respondeu:

Onde buscarão beleza e como a encontrarão, a não ser que ela própria seja sua via, seu guia?

E como falarão dela, a não ser que ela mesma seja a tecelã de sua fala?

Os ofendidos e feridos dizem: “A beleza é amável e gentil.

Como uma jovem mãe, quase envergonhada de sua glória, ela anda entre nós”.

E aqueles que vivem intensamente dizem: “Não, a beleza é uma coisa feita de poder e temor.

Como a tempestade, ela sacode o céu sobre nossa cabeça e a terra sob nossos pés.”

Os exaustos dizem: “A beleza sussurra suave. Ela fala em nosso espírito.

Sua voz cede a nosso silêncio como uma luz leve que estremece por medo do escuro”.

Mas os inquietos dizem: “Já a ouvimos gritar nas montanhas,

E seus gritos entoavam sons de cascos, e o bater das asas, e o rugido dos leões”.

À noite os guardas da cidade dizem: “A beleza nascerá ao amanhecer e virá do leste”.

E ao meio-dia os trabalhadores e os viajantes dizem: “Já a vimos olhar para a terra, debruçada na janela do sol poente”.

No inverno, os que estão isolados na neve dizem: “Ela virá com a primavera, saltitando pelas colinas”.

E no calor do verão, os agricultores dizem: “Nós a vimos dançar com as folhas do outono e vimos flocos de neve em seus cabelos”.

Todas essas coisas já disseram sobre a beleza;

No entanto, na verdade não falavam dela, mas de necessidades frustradas.

E a beleza não é necessidade, e sim êxtase.

Não é a boca com sede nem a mão vazia que se estende,

Mas o coração em chamas e a alma em seu encanto.

Não é a imagem que buscam ver nem a canção que buscam escutar,

E sim a imagem que veem mesmo quando fecham os olhos e a canção que escutam mesmo quando tapam os ouvidos.

Não é a seiva dentro da casca enrugada nem a asa presa à garra,

Mas um jardim que floresce sem fim e o voo eterno dos anjos.

Povo de Orphalese, a beleza é a vida quando a vida revela seu rosto sagrado.

Mas vocês são vida e o véu.

A beleza é a eternidade se olhando no espelho.

Mas vocês são a eternidade e o espelho.

## SOBRE A RELIGIÃO

E um velho sacerdote disse:  
fale sobre a **religião**.  
E ele respondeu:

E hoje falei sobre outra coisa?

Não é a religião todo ato e toda reflexão?

E também aquilo que não é ato nem reflexão, mas o fascínio e a surpresa que sempre brotam na alma, mesmo enquanto as mãos talham a pedra ou trabalham no tear?

Quem pode separar sua fé de seus atos ou sua crença de seus afazeres?

Quem pode deitar suas horas diante de si e dizer: “Estas são para Deus e estas são para mim; estas são para minha alma e estas aqui são para meu corpo?”.

Todas as suas horas são asas que voam pela imensidão de uma pessoa a outra.

Aquele que ostenta a moral como sua melhor roupa se sairia melhor se andasse nu.

O vento e o sol não abrirão feridas em sua pele.

E aquele que define sua conduta pela ética prende sua ave cantante numa gaiola.

A canção mais livre de todas não ecoa entre barras e grades.

E aquele que vê o louvor como uma janela que pode ser aberta, mas também fechada, ainda não visitou a casa de sua alma, que tem janelas abertas de aurora a aurora.

Seu dia a dia é seu templo e sua religião.

Sempre que o viverem, levem consigo tudo o que são.

Levem o arado e a forja e a marreta e o alaúde,

As coisas que criaram por necessidade ou por diversão.

Pois em sonhos não podem superar suas conquistas nem sucumbir a seus fracassos.

E levem consigo todos os homens,

Pois em adoração não podem voar mais alto que suas esperanças nem rastejar junto a seu desespero.

E, se querem conhecer Deus, não percam tempo decifrando charadas.

Pelo contrário, olhem ao redor e verão Deus brincando com seus filhos.

E olhem para o horizonte e verão Deus andando nas nuvens, estendendo os braços no relâmpago e descendo com a chuva.

Verão Deus sorrindo nas flores e depois se levantando para acenar entre as árvores.

## SOBRE A MORTE

Então Almitra se manifestou, dizendo:  
queremos saber sobre a **morte**.

E ele falou:

Querem conhecer o segredo da morte.

Mas como o encontrarão, se não buscarem no coração da vida?

A coruja que tem os olhos noturnos cegos para o dia não pode desvendar o mistério da luz.

Se querem de fato contemplar o espírito da morte, abram o coração para o corpo da vida.

Pois vida e morte são uma só, assim como o rio e o mar são um.

No fundo da esperança e dos desejos reside o conhecimento silencioso do que há além;

E, assim como as sementes que sonham sob a neve, seu coração sonha com a primavera.

Acreditem nos sonhos, pois neles estão escondidas as portas da eternidade.

Seu medo da morte é apenas o tremor do camponês que se coloca diante do rei e espera ser reconhecido em seu valor.

Apesar do tremor, não está o camponês alegre por ser honrado pelo rei?

E, ainda assim, não está mais atento ao tremor?

Pois o que é morrer, senão expor a própria nudez ao vento e dissolver-se no sol?

E o que é deixar de respirar, senão libertar o fôlego de seus fluxos infinitos para que, assim, possa se elevar, se expandir e buscar Deus sem fardo nenhum?

Só quando beberem do rio do silêncio poderão de fato cantar.

E quando chegarem ao topo da montanha, só aí devem começar a escalada.

E quando a terra levar seu corpo, finalmente poderão dançar.

## *A despedida*

E então anoiteceu.

E Almitra, a profetisa, disse: bendito seja este dia, este lugar e seu espírito, que nos falou.

E ele respondeu: fui eu quem falou? Não era eu também um ouvinte?

Então ele desceu os degraus do templo, e todo o povo o seguiu. E ele chegou a seu navio e subiu ao convés.

E, virando-se novamente para o povo, ergueu a voz e disse:

Povo de Orphalese, o vento pede que eu os deixe aqui.

Não sou tão veloz quanto o vento, mas devo partir.

Nós, os viajantes, que sempre buscamos o caminho da solidão, não começamos um dia no lugar em que terminamos o anterior; e não há nascer do sol que nos encontre onde o pôr do sol nos deixou.

Mesmo enquanto a terra dorme, nós seguimos viagem.

Somos as sementes de uma planta perene e, quando nosso coração se torna maduro e pleno, somos doados ao vento e espalhados por toda parte.

Breves foram meus dias entre vocês e ainda mais breves foram as palavras que ofereci.

Mas, caso minha voz enfraqueça em seus ouvidos e meu amor desapareça de sua memória, então eu voltarei,

E falarei com um coração mais cheio e lábios mais entregues ao espírito.

Sim, voltarei com a maré,

E, embora a morte possa me esconder, e o silêncio maior me envolver, mais uma vez buscarei sua compreensão.

E não será em vão.

Se eu lhes disse alguma verdade, essa verdade revelará a si mesma com uma voz mais límpida e em palavras mais próximas de seus pensamentos.

Eu vou com o vento, povo de Orphalese, mas não rumo ao vazio.

E se este dia não foi a realização de seus anseios e de meu amor, então que seja a promessa de um novo dia.

Os anseios do homem mudam, mas não seu amor nem seu desejo de que o amor satisfaça seus anseios.



Saibam, portanto, que do silêncio maior um dia eu voltarei.

A névoa que se dissipa pela manhã, deixando só o orvalho no campo, se elevará e se tornará nuvem, depois cairá em chuva.

E eu não fui tão diferente da névoa.

No silêncio da noite andei por suas ruas, e meu espírito entrou em suas casas,

E sua pulsação entrou em meu coração, e seu fôlego chegou a meu rosto, e conheci vocês todos.

Sim, conheci sua alegria e sua dor, e quando dormiam seus sonhos eram meus sonhos.

E muitas vezes estive entre vocês como um lago entre os montes.

Espelhei em mim os topos e as ladeiras de suas colinas e até os rebanhos que são suas ideias e seus desejos.

E de encontro a meu silêncio vieram o riso de seus filhos em córregos e as vontades de seus jovens em rios.

E quando chegaram a meu íntimo, córregos e rios continuaram cantando.

Mas ainda mais doce que o riso e mais amplo que a vontade foi algo que veio a mim.

Era o infinito que há em vocês;

O grandioso homem de quem são as células, os músculos;

Aquele em cujo cântico todo seu cantar não passa de um palpitar sem ruído.

É no grandioso homem que vocês são grandiosos,

E foi ao contemplá-lo que contemplei vocês e amei vocês.

Pois que distâncias pode o amor cruzar que não estejam nessa grandiosa esfera?

Que visões, que expectativas e que crenças podem voar ainda mais alto?

Como um imenso carvalho coberto de flores de maçã é o homem grandioso em vocês.

Sua força os conecta à terra, sua fragrância os eleva, e em sua permanência são imortais.

Já sabem que, assim como uma corrente, são tão fracos quanto seu elo mais fraco.

Essa é apenas parte da verdade. Vocês também são tão fortes quanto seu elo mais forte.

Medi-los por seus menores atos é avaliar o poder do oceano pela fragilidade da espuma.

Julgá-los por seus fracassos é culpar as estações por serem tão inconstantes.

Sim, vocês são como um oceano,

E embora os navios encalhados em seus litorais esperem a maré, vocês, assim como um oceano, não podem apressar suas marés.

E também são como as estações,

E embora em seu inverno neguem sua primavera,

A primavera, que repousa dentro de vocês, sorri sonolenta e não se magoa nem assim.

Não pensem que digo tais coisas para que digam entre vocês: “Ele nos aplaudiu. Viu apenas o que temos de bom”.

Só expresso em palavras aquilo que vocês mesmos sabem em pensamento.

E o que é o conhecimento em palavras, senão a sombra do conhecimento sem palavras?

Seus pensamentos e minhas palavras são ondas que vêm de uma memória bem guardada que contém os registros de nosso passado,

E dos dias distantes em que a terra não nos conhecia nem conhecia a si mesma,

E das noites em que a terra se tornava confusa e revolta.

Sábios foram até vocês para oferecer-lhes sua sabedoria. Eu vim receber sua sabedoria:

E eis que encontrei algo maior que a sabedoria:

A chama do espírito que reside em vocês e em si mesma cresce cada vez mais,

Enquanto vocês, sem consciência de sua expansão, lamentam o esmorecimento de seus dias.

É a vida que busca a vida em corpos que temem o túmulo. Aqui não há túmulos.

Essas montanhas e essas planícies são um degrau, um berço.

Sempre que passarem pelos campos em que enterraram seus ancestrais, olhem com atenção e verão a si mesmos e seus filhos, dançando e dando as mãos.

Em verdade vocês muitas vezes são felizes sem saber.

Outros surgiram com promessas de ouro e, em sua fé, vocês ofereceram tão somente riquezas, poder e glória.

Nem uma promessa lhes ofereci, e comigo foram ainda mais generosos.

Ofereceram-me uma sede de vida ainda mais profunda.

É certo que não há presente maior para um homem do que aquilo que transforma seus objetivos em lábios com sede e a vida toda numa fonte.

E nisso residem minha honra e minha recompensa,

Sempre que bebo da fonte encontro a própria água viva, com sede;

E ela me bebe enquanto a bebo.



Alguns de vocês me chamaram de orgulhoso diante dos presentes.

Realmente sou orgulhoso demais para receber um salário, mas não presentes.

E, embora tenha comido amoras nas colinas quando me convidaram à mesa,

E tenha dormido no pórtico do templo quando me acolheram com alegria,

Não teria sido exatamente a atenção carinhosa que deram a meus dias e minhas noites o que adoçou meu alimento e envolveu meu sono com visões?

Acima de tudo, por isso os abençoo:

Vocês oferecem muito e não sabem que oferecem tanto.

Em verdade, a bondade que vê a si mesma no espelho se transforma em pedra,

E uma boa ação que elogia a si mesma acaba por gerar uma maldição.

E alguns de vocês me chamaram de frio, de embriagado em minha própria solidão,

E disseram: “Ele se reúne com as árvores da floresta, mas não com os homens.

Ele se senta sozinho no topo das montanhas e lá de cima observa nossa cidade”.

É verdade que subi as montanhas e andei pelos lugares mais remotos.

Como poderia vê-los, senão de uma grande altura ou a uma grande distância?

Como pode alguém estar perto de fato, a menos que esteja longe?

E outros entre vocês me chamaram, não com palavras, e disseram:

“Estranho, estranho que ama alturas inalcançáveis, por que anda pelos lugares onde as águias fazem ninho?

Por que busca o inatingível?

Que tempestades quer prender em sua rede,

E que aves vaporosas vive a caçar pelo céu?

Venha e seja um de nós.

Desça e aplaque sua fome com nosso pão, sacie sua sede com nosso vinho”.

Na solidão da alma, disseram tais coisas;

Mas, se sua solidão fosse mais profunda, saberiam que eu buscava o segredo de sua alegria e de sua tristeza,

E só caçava seus eus maiores que andam pelo céu.

No entanto, o caçador também era a caça;

Pois muitas de minhas flechas saltavam do arco só para buscar meu próprio peito.

E o animal que voava também era o que rastejava;

Pois quando minhas asas se abriam ao sol, sua sombra era uma tartaruga na terra.

E eu, que tanto acreditava, também era quem duvidava;

Pois muitas vezes coloquei o dedo em minha própria ferida para ter ainda mais fé em vocês e conhecê-los ainda mais.

E é com essa fé e esse conhecimento que digo:

Vocês não estão presos em seus corpos nem confinados em suas casas ou campos.

O que são reside além da montanha e passeia com o vento.

Não rasteja no sol em busca de calor nem cava buracos no escuro por segurança,

É uma coisa livre, um espírito que envolve a terra e se move no éter.

Se estas são palavras obscuras, não tentem torná-las mais claras.

Obscuro e nebuloso é o começo de todas as coisas, mas não o fim.

E quero que se lembrem de mim como um começo.

A vida, e tudo o que vive, nasce na névoa, não no cristal.

E se o cristal for a névoa quando se dissipa? Gostaria que se lembrassem disso quando se lembrarem de mim:

O que parece ser sua maior fragilidade e hesitação é na verdade sua força e sua determinação.

Não foi seu fôlego que ergueu e solidificou a estrutura de seus ossos?

E não é o sonho de que nenhum de vocês se lembra o ponto de partida da construção de sua cidade e de tudo que nela há?

Se pudessem ver as marés desse fôlego, não seriam capazes de ver nada mais;

E se pudessem ouvir o sussurro do sonho não ouviriam nenhum outro som.

Mas não veem nem ouvem, e é melhor assim.

O véu que turva seus olhos será levantado pelas mãos que o teceram,

E a argila que preenche seus ouvidos será perfurada pelos dedos que a moldaram.

E vocês verão.

E vocês ouvirão.

E nem assim lamentarão a cegueira nem se arrependerão de seu tempo de surdez.

Pois nesse dia conhecerão o propósito secreto de todas as coisas

E darão graças à escuridão como dão graças à luz.



Após dizer tais coisas, ele olhou ao redor e viu o capitão do navio junto ao leme, encarando as velas abertas e depois o horizonte.

E ele disse:

Paciente, tão paciente, é o capitão de meu navio.

O vento sopra, e inquietas estão as velas;

Até o timão implora que o guiem;

E, no entanto, meu capitão espera meu silêncio.

E meus marinheiros, que já ouviram o coro do mar maior,  
também me ouviram, pacientes.

Agora não vão mais esperar.

Estou pronto.

O rio chegou ao mar e, uma vez mais, a grande mãe leva  
seu filho ao seio.

Adeus, povo de Orphalese.

Nosso dia chegou ao fim.

Ele se fecha sobre nós como o nenúfar se fecha sobre seu  
amanhã.

O que nos foi dado aqui será mantido,

E, se não for suficiente, mais uma vez nos reuniremos e  
juntos estenderemos as mãos a quem tudo nos deu.

Jamais se esqueçam de que eu voltarei.

Só mais um pouco, e meu anseio juntará poeira e espuma  
para outro corpo.

Só mais um pouco, um instante de descanso ao vento, e  
mais uma mulher me levará no ventre.

Adeus a vocês e à juventude que com vocês vivi.

Ainda ontem nos conhecemos em sonho.

Vocês cantaram para mim em minha solidão, e com seus anseios construí uma torre no céu.

Agora, porém, nosso sono se foi e nosso sonho acabou, e já não é mais manhã.

O meio-dia chegou, e nosso breve despertar se tornou dia pleno, e devemos partir.

Se no crepúsculo da memória nos encontrarmos uma vez mais, falaremos juntos mais uma vez, e vocês cantarão uma canção mais profunda.

E se nossas mãos se encontrarem em mais um sonho, construiremos mais uma torre no céu.

Dizendo isso, ele fez um sinal para os marinheiros, que na mesma hora levantaram a âncora, soltaram as amarras e seguiram para o leste.

E um choro surgiu entre o povo como se saísse de um só coração e se elevou no crepúsculo e chegou ao mar como uma grande proclamação.

Só Almitra ficou em silêncio, seguindo o navio com os olhos até desaparecer na névoa.

E quando a multidão se dispersou, ela continuou sozinha no quebra-mar, pensando profundamente em suas palavras:

“SÓ MAIS UM POUCO, UM INSTANTE  
DE DESCANSO AO VENTO, E MAIS UMA  
MULHER ME LEVARÁ NO VENTRE.”



## *Posfácio*

Um dos poetas mais lidos no mundo, Gibran Khalil Gibran nasceu em janeiro de 1883 na aldeia de Bcharre, ao norte do Líbano, numa região marcada por vales, como o monástico Wadi Qadisha, também chamado de Vale Sagrado, além de montanhas, florestas e cedros envoltos em introspecção, incompreensão e misticismo.

A presença do Líbano, em geral, e de Bcharre, em particular, faz-se notar em toda a escrita de Gibran: os montes e entremontes, os picos e os plainos, os ventos e a quietude, a neve da invernia, os tons e os olores primaveris, o Sol em seu fulgor, os laranjais, a murta do Livro de Zacarias, o trigo, as roseiras, a natureza em suas múltiplas formas e, entre elas, os aldeões permeiam suas obras, em especial *O profeta*, cujos símbolos remetem à imagética e ao imaginário de sua terra natal.

Gibran integra, em posição de liderança, um grupo de autores sírios e libaneses de *adab al-mahjar* (literatura de migração), um movimento que produziu impacto na criação literária em países árabes, na América do Norte e na América do Sul, e que é estudado em escolas e universidades devido ao seu papel na modernização e na renovação do pensamento, da produção cultural e das artes árabes.

Esses literatos árabes que viviam na América, sobretudo em São Paulo e Nova York, criaram importantes obras de prosa e poesia que serviram de modelo aos autores árabes no mundo inteiro e ajudaram a revitalizar essa literatura.

Em busca da troca de experiências, os escritores da imigração fundaram diversos círculos literários: Arrábita alqalamiyya (Liga de Escritores, um Pen Club, como o adjetivo *alqalamiyya* indica), em Nova York, em abril de 1920; Al-usba al-Andaluciyya (Associação Andaluza), em São Paulo, em janeiro de 1933; Annadwa al-adabiyya (Círculo Literário), em Buenos Aires, no final de 1947, e em Santiago, em junho de 1955.

Nos Estados Unidos, duas revistas árabes editadas em Nova York serviram de voz para os literatos da Arrábita alqalamiyya: *Al-Funun* (As Artes) e *As-Saieh* (O Errante), sucessivamente. Na América do Sul, outras publicações desempenharam um papel significativo para a renovação do pensamento árabe. Apenas em São Paulo, entre 1900 e 1914, surgiram centenas de periódicos em árabe e português.

Na primeira metade do século XX, os escritores árabes do *Mahjar* inovaram a temática da poesia árabe e questionaram as formas fixas e a métrica da *qassída*, a valorizada e tradicional poesia monorríma. Entre as características dessa literatura do *Mahjar* estão ainda: a nostalgia do lar abandonado, a criação de metros e formas estróficas novas, como o poema em prosa (*achchi'r almanthúr*) e a “poesia sussurrada” (*achchi'r almahmús*, termo cunhado pelo crítico

egípcio Muhammad Mandur para descrever poesia *à mi-voix*) – que puseram fim ao tom declamatório anterior –, um sentimento profundo pela Natureza e metáforas revigoradas.

No continente americano, esses escritores encontraram mais liberdade para a experimentação literária; no exílio, não se depararam com o peso de suas tradições culturais originais e se rebelaram contra a tradição neoclássica que dominava a cena literária árabe no início do século XX. Como consequência, a prosa poética, o uso revolucionário da escrita e da arte em geral e a adoção de novas temáticas por parte de Gibran e de outros literatos são alguns dos elementos que mudaram o curso da literatura produzida por árabes, tanto em sua língua nativa quanto em inglês, espanhol ou português.

Esse ambiente mais livre, longe da repressão política e cultural, os estilos de vida hodiernos e o contato com o pensamento de escritores e poetas ocidentais promoveram o despertar de novas formas de escrita.

Num texto sobre *almufakkirún al‘arab filmahjar* (os pensadores árabes no exílio), Halim Barakat defende a existência de uma relação extremamente positiva entre o exílio e a criatividade literária – definida como uma capacidade mental e emocional incomum, combinada com talentos especiais e com uma forte motivação, para “descobrir inter-relações anteriormente desconhecidas entre as coisas”.<sup>[1]</sup> Ele cita autores como Joseph Conrad, James Joyce, Ezra Pound, Henry Miller, T. S. Eliot, Ernest

Hemingway, Aldous Huxley, Carlos Fuentes, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Gabriel García Márquez e Khalil Gibran.

Barakat também formula algumas observações sobre as condições gerais que contribuem para a criatividade na literatura árabe: o exílio, o “encontro de civilizações”, o pluralismo cultural e os “santuários” que providenciam distâncias seguras dos centros de autoridade política, social e cultural nos países de origem.

A realidade de estar entre dois mundos, no entre-lugar conceituado por Silviano Santiago (segundo o qual, “o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá nem lá, é um determinado ‘entre’ que tem que ser inventado pelo leitor”<sup>[2]</sup>), possibilitou a Gibran um acesso privilegiado a novas formas e temáticas, reforçado pela construção de redes e conexões transnacionais com a terra natal por parte de escritores imigrantes como ele.

Ao mesmo tempo, esse literato foi influenciado pela nova forma de romantismo e transcendentalismo norte-americano que caracteriza as obras de autores como Ralph Emerson, Henry Wadsworth Longfellow, Henry David Thoreau e Walt Whitman.

O apreço pela natureza, por seu simbolismo, marca não apenas a produção literária de Gibran como também muitos de seus mais de setecentos quadros, aquarelas e desenhos, a maioria enviada ao Líbano após sua morte. Em sua arte,

tanto pictórica quanto poética, observam-se raízes simbolistas.

O poeta glorifica a natureza e exalta e oferece um respeito mítico à vida, à semelhança de William Blake, cuja poesia e pintura tiveram um profundo impacto sobre ele, assim como a obra de Friedrich Nietzsche, sua afirmação da vida e sua crença na arte como meio de transfigurar a desordem do mundo.

Na obra *Muqaddima lichchir al-arabi* (Introdução à poesia árabe), Adonis afirma que “com Gibran começa na poesia árabe a visão que almeja mudar o mundo [...] com ele começa a poesia árabe moderna [...]. Gibran não foi apenas o primeiro reformador na poesia árabe. Foi o primeiro modelo para o poeta e a poesia criativa em seu sentido moderno”.  
[3]

Dois eram os principais grupos que promoviam a renovação da literatura árabe, especialmente da poesia: um grupo de modernistas no Egito e outro de intelectuais sírios e libaneses na América do Norte e do Sul. Diferentemente daqueles que se fixaram no Egito, os que imigraram para a América do Norte e do Sul eram marcados por uma ausência de pertencimento, uma sensação de estar “fora do lugar” (como bem descreveu Edward Said em sua obra homônima), de estranhamento da língua – latina, em contraposição ao idioma semítico de seus esforços literários – e, portanto, de temor pela existência e identidade cultural. Nesse contexto, os agrupamentos e a fundação de revistas e círculos

literários visam preservar e revitalizar suas expressões culturais.

Esse sentimento de exílio que caracteriza os literatos imigrantes é o *leitmotif* de *O profeta*, a obra mais renomada de Gibran. No livro, o sábio Almustafa decide retornar a sua terra natal após doze anos de exílio em uma ilha fictícia (Orphalese), em diálogo com um número simbólico que configura o ciclo anual, o zodiacal, a quantidade de apóstolos de Cristo e de deuses principais na Grécia Antiga. O exílio de Almustafa é também o exílio de Gibran, que conclui o livro após doze anos de permanência nos Estados Unidos.

Doze anos também era a idade de Gibran quando foi para a América do Norte pela primeira vez. Com a mãe e os irmãos, estabeleceu-se em Boston e logo chamou a atenção do artista e fotógrafo local Fred Holland Day. Com o intuito de estudar árabe, aos quinze anos retornou ao Líbano, onde testemunhou injustiças impostas pelos governantes otomanos à população local; com efeito, o governo autocrático do sultão Abdulhamid tornara a vida bastante difícil para esses árabes cultos e amantes da liberdade, e muitos decidiram deixar o Líbano. Pouco tempo depois, Gibran perdeu a mãe, a irmã e o irmão.

*O profeta* é composto de vinte e seis poemas em prosa que dão forma aos sermões de Almustafa, que se encontra prestes a embarcar rumo a sua terra de origem. “Será o dia da separação o mesmo do encontro?”, questiona o sábio, a

quem pouca atenção havia sido conferida nos doze anos anteriores, a não ser pela profetisa Almitra.

Com efeito, foi apenas no décimo segundo ano de sua estada naquela ilha que veio o dia da colheita, após a semeadura e seu cultivo, na descrição metafórica do protagonista. Os sacerdotes e as sacerdotisas reconhecem que o deles fora “um amor mudo, que com véus foi coberto” e o convocam à grande praça em frente ao templo. Ali, o “profeta de Deus”, como passam a nomeá-lo, é instado a princípio pela profetisa e posteriormente por habitantes da ilha a ensiná-los a respeito de questões que os inquietam, como o poeta que quer aprender sobre a beleza; o ermitão, sobre o prazer; e o sacerdote, sobre a religião, entre outros interlocutores que haviam deixado “seu arado no campo” e cessado “a moagem em seu vinhedo”.

Os ensaios poéticos de *O profeta* versam sobre grandes temas como o amor, o ensino, o tempo e a morte e são caracterizados por ideias românticas, humanísticas, transcendentalistas e míticas. Na obra de Gibran, as críticas à autoridade religiosa e à intolerância fazem-se acompanhar da constante busca e da valorização do mito.

Cristão maronita, Gibran defende o diálogo ecumênico e inter-religioso num país cujos habitantes – e descendentes no continente americano – muitas vezes possuem dificuldade em lidar com a diversidade religiosa.

Em *O profeta*, o personagem principal é denominado Almustafa: o purificado, em árabe, termo que dialoga com

outra tradição monoteísta, o sufismo, ao nomear aquele que aspira e logra purificar o coração e seguir o caminho do purificado (Almustafa) profeta Muhammad.

Os imigrantes literatos da *adab al-mahjar* eram majoritariamente cristãos, alguns dos quais haviam estudado em escolas missionárias de tendência vanguardista. Nesse âmbito, as obras do escritor e pintor, que incluem poesia, ensaística, crítica, romances e contos, rompem com os valores tradicionais e com suas técnicas de expressão.

O *profeta* é redigido em inglês, mas Gibran afirmava possuir “o original árabe, numa forma elementar”. A princípio, o artista libanês escreve quase que exclusivamente em árabe. Publica sete livros nessa língua: *A música* (1905), *As ninfas do vale* (1906), *As almas rebeldes* (1908), *Asas quebradas* (1912), *Lágrima e sorriso* (1914), *As procissões* (1919) e *Tempestades* (1920). Entre 1918 e 1931, dedica-se ao inglês: *O demente* (1918), *O precursor* (1920), *O profeta* (1923), *Areia e espuma* (1927), *Jesus, o Filho do Homem* (1928) e *Os Deuses da Terra* (1931). Após sua morte, seriam publicados outros livros: *O errante*, em 1932, e *O jardim do profeta*, em 1933.

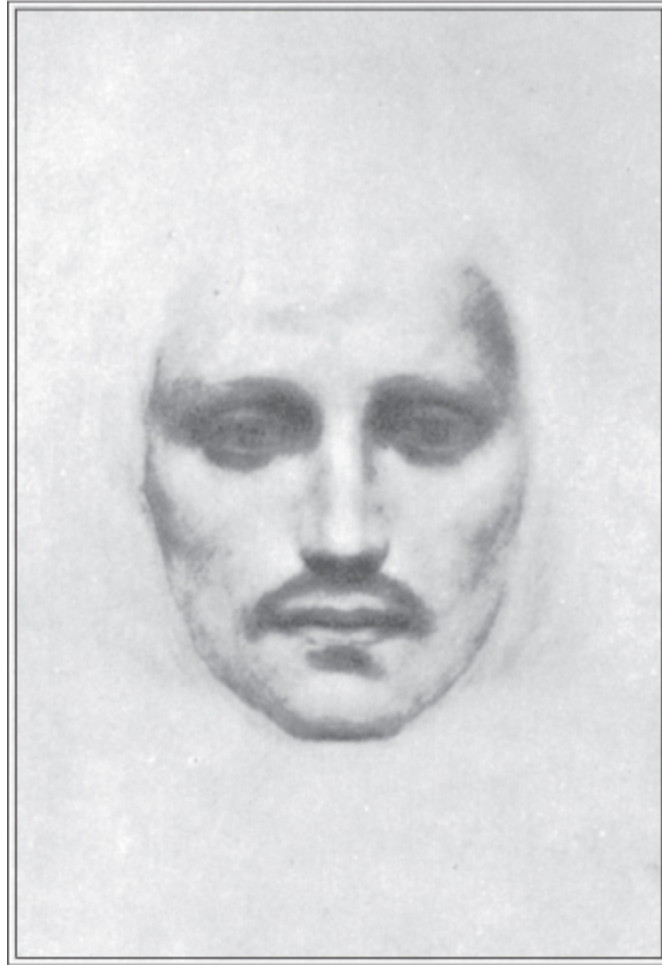
Nessas obras, e notadamente em *O profeta*, Gibran busca criar um novo mundo para substituir aquele que se propõe a derrocar. Como princípios, adota a imaginação, a liberdade, o amor e a elevação do ser humano e de sua natureza interna, em detrimento da razão, dos dogmas religiosos, das leis codificadas e das sociedades corruptas.

Nas palavras do autor libanês, “a verdadeira poesia é a encarnação de um espírito divino nascido de um sorriso que revive o coração ou de um suspiro que traz lágrimas aos olhos”, pois “o poeta é um anjo mandado à terra pelos deuses para ensinar aos homens as coisas divinas”.

Grande amigo de Gibran e membro do mesmo círculo literário, o poeta e crítico Mikhail Naima define o que é um poeta, na obra *O crivo*, também publicada em 1923: “Um poeta é um profeta, um filósofo, um pintor, um músico e um sacerdote em uma só pessoa. É um profeta porque pode ver com seu olho espiritual o que não pode ser visto por todos os outros mortais. Um pintor, pois é capaz de moldar o que pode ver e ouvir em belas formas e imagens verbais. Um músico, porque pode ouvir harmonia onde as pessoas só conseguem descobrir um ruído discordante. [...] Para ele, o todo da vida não é senão uma melodia, triste e alegre, que ouve conforme o lado ao qual se volta”.



**Paulo Daniel Farah**, Prof. Dr. FFLCH-USP, escritor e tradutor. Especialista em estudos árabes e africanos e em estudos migratórios, é coordenador do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África da USP.



**Khalil Gibran** (1883–1931), poeta, filósofo e artista, nasceu no Líbano e, em 1895, se mudou com a família para o Estados Unidos. Em 1904, realizou sua primeira exposição artística, em Boston, e em 1908 foi para Paris, onde passou dois anos estudando com Auguste Rodin, que comparou seus desenhos e suas pinturas místicas à obra de William Blake. Em 1912, Gibran se estabeleceu em Nova York, onde se

tornou líder de um clube de leitura para libaneses e se dedicou à escrita, tanto em árabe quanto em inglês, e à pintura. Seus livros, que em conjunto venderam mais de dez milhões de cópias em língua inglesa, conquistaram leitores do mundo inteiro.

**Rupi Kaur** é poeta, artista e performer. Escreveu e ilustrou dois livros de poesia, *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, que chegaram ao topo da lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*, venderam mais de quatro milhões de cópias e foram traduzidos para diversos idiomas. Nascida em Punjab, na Índia, ela se mudou para o Canadá aos quatro anos e hoje vive em Toronto.

1. LUKÁCS, G. *Studies in European Realism*. Nova York: The Universal Library, 1964, p. 114.
2. Entrevista “Literatura é paradoxo”, concedida a Carlos Eduardo Ortolan Miranda.
3. ADONIS. *Muqaddima lichchir al-arabi*. Beirute: Dár al‘awda, 1979, pp. 79-82.



**EU**  
**ELTON**  
**JOHN**

 Planeta

# Eu, Elton John

John, Elton

9788542218183

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elton John é o cantor e compositor de maior e mais duradouro sucesso de todos os tempos. Embalada em altos e baixos, sua vida é extraordinária. Na sua primeira e única autobiografia, ele conta essa história em suas próprias palavras e com a honestidade – e o humor – que lhe é peculiar. Nesses setenta anos, não faltam momentos engraçados e outros tantos de partir o coração. Ele lembra detalhes da sua infância crescendo em um subúrbio de Londres e o relacionamento difícil com os pais. Batizado Reginald Dwight, era um garoto que, embora tímido, sonhava com o estrelato. Com 23 anos, fez seu primeiro show nos Estados Unidos. Vestido com um brilhante macacão amarelo, uma camiseta com estrelas e botas com asas, enfrentou uma plateia atônita com aquela figura – e aquela performance. Elton John estava chegando e o mundo da música nunca mais seria o mesmo. No livro Eu, Elton John, ele narra episódios dramáticos desde a rejeição precoce de

seu trabalho com o parceiro de composição Bernie Taupin aos momentos de perder o controle como um superstar; das tentativas de suicídio ao secreto vício em drogas por mais de uma década. Elton John se lembra de episódios marcantes de suas amizades com John Lennon, Freddie Mercury e George Michael e até mesmo o dia em que dançou música disco com a Rainha da Inglaterra. Ele também escreve em detalhes como superou uma vida de vícios e fundou a sua Fundação para a Aids. Revela que encontrou o verdadeiro amor com David Furnish, se lembra de férias inesquecíveis com o estilista italiano Versace e da tristeza em cantar no funeral de sua amiga, a princesa Diana. Não faltam, é claro, detalhes de algumas de suas composições que entraram para a história. E, por fim, identifica o momento em que percebeu que queria ser pai – e viu sua vida mudar mais uma vez. Divertida e emocionante, a autobiografia *Eu, Elton John* vai levar o leitor a uma jornada íntima com uma lenda viva. “O mais incrível do rock ‘n’ roll é que ele permite que alguém como eu se torne uma estrela.” - Elton John

[Compre agora e leia](#)

MARIO SERGIO  
CORTELLA

POR QUE FAZEMOS  
O QUE  
FAZEMOS?

aflições vitais  
sobre trabalho,  
carreira  
e realização

 Planeta

# Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio

9788542208160

84 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em *Por que fazemos o que fazemos?* as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

[Compre agora e leia](#)

**ROSANA PINHEIRO-MACHADO**

**AMANHÃ**

**VAI SER**

**MAIOR**

**O QUE  
ACONTECEU  
COM O BRASIL E  
POSSÍVEIS ROTAS DE  
FUGA PARA A CRISE ATUAL**

 Planeta

# Amanhã vai ser maior

Pinheiro-Machado, Rosana

9788542218237

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desde as grandes manifestações de 2013, boa parte dos brasileiros possui uma única pergunta: o que está acontecendo com o país? Muitas pessoas se sentem em um trem desgovernado por causa de transformações profundas que o Brasil sofreu nos últimos anos, sem saber como dar sentido, viver e combater o caos diário. Este livro da professora, antropóloga e colunista Rosana Pinheiro-Machado possui dois objetivos. Primeiro, jogar luz sobre este período de crise, trazendo uma análise do cenário político e social desde as Jornadas de Junho até a eleição de Jair Bolsonaro, sem jargão acadêmico. Segundo, apontar as saídas que se delineiam no horizonte - e mostrar que já estamos construindo possibilidades de resistir em tempos sombrios.

[Compre agora e leia](#)

**LEANDRO  
KARNAL**

**O  
DILEMA  
DO  
PORCO  
ESPINHO**

como encarar  
a solidão

 Planeta

# O dilema do porco-espinho

Karnal, Leandro

9788542214840

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ser ou não ser sozinho O poeta Vinicius de Moraes cantava "que é melhor se sofrer junto, que viver feliz sozinho". Será? Este é um dos fios da meada que o historiador Leandro Karnal, um dos intelectuais mais influentes do país, toma como mote neste livro. A partir de referências filosóficas ou religiosas, relacionadas a fatos históricos ou a romances, ele faz uma saborosa reflexão sobre a natureza de viver só – ainda que por pouco tempo. Ele apresenta como a solidão é encarada no cinema, na literatura, na música, nas artes. Mostra que ela pode ser uma luz e que, em alguns casos, Deus revela-se aos solitários. Segundo o Gênesis, aliás, Deus teria dito: "Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e corresponda". E o autor amplia o tema para discorrer como a tradição judaico-cristã em geral abordou a solidão. Em O dilema do porco-espinho, Karnal viaja pela modernidade líquida e também analisa a solidão no mundo virtual. Contempla tanto temas como os

amigos imaginários das crianças até pensamentos de filósofos como Aristóteles, que dizia que a solidão criava deuses e bestas. Como a solidão é um tema que sempre o acompanhou e, segundo revela o próprio Karnal, tem se amplificado em sua maturidade, o autor escreve este livro como um ensaio pessoal. Ao dividir suas meditações, o autor convida seu interlocutor, durante o ato da leitura, a deixar a solidão de lado e compartilhar de seus pensamentos.


[Compre agora e leia](#)

**LEOCHAVES** | COM PREFÁCIO DE  
LEANDRO KARNAL



**A GRANDE ARTE DE SE  
REINVENTAR**

*AS 7 HABILIDADES QUE PODEM MUDAR A SUA VIDA*

 Planeta

# A grande arte de se reinventar

Chaves, Leo

9788542218268

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O poder da revolução pessoalLeo Chaves apresenta nesta obra o passo a passo para que você se separe daquilo que te faz mal e abraçe o que te faz feliz. O autor baseou o desenvolvimento das 7 habilidades pela busca da harmonia interior plena na sua própria vivência.A grande arte de se reinventar – as sete habilidades que podem mudar a sua vida vem compartilhar o sucesso dessa busca, sem segredos, apenas modificando seu modo de olhar a vida e os outros, pela transformação interna. Mas como? Reinventando-se para melhor, sendo o agente transformador de si mesmo, conectando-se com a sua melhor versão, aceitando-se, não para se acomodar, mas para dar combate aos seus monstros internos. O testemunho de Leo Chaves, que conta aqui passagens de sua vida antes e depois de descobrir e fazer uso consciente das 7 habilidades, é a prova irrefutável de que ele estava no caminho certo, deixando de lado as máscaras sociais para

se redescobrir, ir de encontro ao melhor de si, se revolucionar, tomar as rédeas da própria jornada. Você vai poder acompanhar uma trajetória de vida e de transformação e descobrir que também pode alcançar seus melhores objetivos com alta performance, pessoal e profissional autoconhecimento e, a partir daí, entrar em ação para conseguir efetuar a grande arte da mudança.

[Compre agora e leia](#)